

ENVELHECENDO NO SÉCULO XXI NÃO LUGARES: A CONDIÇÃO DO IDOSO

Aline Aparecida Silveira Machado

aline_silveira15@hotmail.com

Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Serra Gaúcha

Élbio Nelson Guardia

Mestre em Saúde Coletiva pela ULBRA

Resumo: O presente artigo procura articular algumas reflexões a respeito da condição existencial do idoso no contexto pós-moderno. Envelhecer torna-se um complicador, num cenário marcado pelo culto à juventude e à beleza onde, de um lado vemos o êxito e esforços da ciência para prolongar a vida e do outro vivemos momentos de exclusão, onde ergue-se inúmeras barreiras sociais para quem não se adapta. O idoso, ao não participar do circuito das trocas vinculado ao sistema capitalista, fica à deriva numa sociedade habitada por lugares anônimos, denominados por Marc Augé (2005) como “não lugares”. Esses lugares vazios, quando vividos pelo idoso, desterra o sentido da morada e rompe o circuito essencial da temporalidade não há mais o passado, o presente e o futuro que dá significado a história pessoal, ou seja, sem um local para viver sua velhice e sua subjetividade. Este estudo busca, por meio de uma revisão bibliográfica não sistemática, abordar a incessante dinâmica familiar, e o atravessamento dos efeitos de esvaziamento das relações interpessoais inerentes incorporado com ao discurso social contemporâneo.

Palavras-chave: Idoso; Envelhecer; Contemporaneidade.

Abstract: The present article pursues to articulate some reflections about the existential condition of the elderly in the postmodern context. Aging becomes a complicator, in a scenario marked by youth and beauty where, on one side we can see the success and efforts of the science to prolong life but on the other side we live in moments of exclusion, where it raises numerous social barriers for those who do not adapt. The elderly, not participating in the circuit of exchanges bound to the capitalist system, drifts into a society inhabited by anonymous places, called by Marc Augé as a “not places”. These empty places, when lived by the elderly, banish the meaning of living and breaks the essential circuit of temporality, there is no longer the past, present and future that gives meaning to personal history, in other words, without a place to live their old age and their subjectivity. This study pursuits, through a non-systematic bibliographic review, to approach incessant family dynamics, the crossing of the emptying effects of the inherent interpersonal relations incorporated with contemporary social discourse.

Keywords: Elderly; Age; Contemporaneity.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo universal, marcado por mudanças biopsicossociais específicas, é uma condição inerente ao processo da vida, onde varia de sujeito para sujeito e compreende algumas variáveis, tais como: genética, hábitos de vida, ambiente em que vive e a sociedade na qual se está inserida. O panorama atual do envelhecimento e as perspectivas futuras de crescimento, segue sendo um indicador importante a ser observado. A previsão para o ano de 2050, é de que uma em cada seis pessoas terá mais de 60 anos, desta maneira instaura-se um paradoxo, de um lado esforços da medicina para prolongar a vida, amenizar as rugas, e fazer-nos sonhar com a esperança de nunca envelhecer, do outro uma sociedade com dificuldades em valorizar o ser humano na sua integralidade.

A temática deste trabalho reflete sobre os “não lugares” do idoso na contemporaneidade. Envelhecer nesse contexto histórico social convoca-nos a discorrer sobre a incessante dinâmica dos papéis sociais presentes nas relações familiares. “Não lugares” é um termo cunhado por Augé (2005) para designar os espaços da supermodernidade, lugares de trânsito, anônimos, sem nenhuma identificação com aquilo que comumente designamos de morada. Através dos não-lugares se descortina um mundo provisório e efêmero, comprometido com o transitório e com a solidão. No âmago dessa errância que designa o conceito, evocamos a figura de um misantropo, de um velho solitário, que perdeu o espaço em casa, na sociedade em que está inserido e cada vez mais está a margem de acontecimentos relevantes, sendo que uma vez era sinônimo de respeito e era responsável por disseminar a tradição, hoje não ocupa mais este lugar. Os aspectos existenciais e o modo de ser idiossincrásicos não interessam a “Era do Vazio” (LIPOVETSKY, 1983).

Discursar sobre a velhice é contemplar sobre último ciclo da vida, vislumbrar quais circunstancia estão contribuindo para que o idoso fique em uma situação de desamparo, explorar quais os desdobramentos que afetam a subjetividade do sujeito idoso, são alguns fatores a serem investigados.

A MUTAÇÃO CULTURAL

Envelhecer na sociedade ocidental por vezes é doloroso, se antigamente o idoso sustentava um papel importante dentro da sua rede familiar, era responsável por transmitir crenças, valores, costumes, hoje as transformações sociais modificaram hábitos familiares e antigos costumes, resultando na indiferença e exclusão do “velho”, deixando-o a margem, por entender que este não tem mais nada a ensinar.

Belato (2009) enfatiza que nas sociedades antigas o envelhecer sem saúde se opõe drasticamente ao envelhecimento ativo; os primeiros deixam de ser gente quando a senilidade e a demência se instala, por esse motivo, muitas vezes eram sacrificados ritualmente, ou abandonados a sua sorte, morrendo de fome e doença. Em contraponto, aos velhos úteis, válidos com saúde, mereciam estima, respeito, alimento e cuidados.

Atualmente, o contexto cultural ocidental, não deixa lugar para a valorização do “velho”. As ações midiáticas, as buscas por novos elixires da juventude, desgasta a imagem do idoso, isto acarreta em baixa autoestima, isolamento social, e sufoca as chances de reconhecimento e sabedoria advindos de inúmeras crenças, valores e conhecimentos eruditos (CAMARANO, 2004).

Kuznier (2007) constatou, que a velhice deixou de ser vista apenas como evento natural da vida, para ser encarada como acontecimento densamente influenciado pela cultura. A idade cronológica é um

significante que nos direciona para a tarefa de encarar a velhice, mas, além disso, sentimos a angústia diante do indeterminado e os presságios da mídia e os padrões culturais de beleza, profetizando que envelhecer não será algo fácil e dócil.

Com um aumento significativo da população de idosos, Oliveira (2010) salienta que a sociedade cria uma situação típica de marginalização social, na medida em que a maioria da população torna-se idosa, ergue-se contra eles inúmeras barreiras sociais e desenvolve atitudes de preconceitos e discriminação social.

O idoso perde seu espaço, destitui-se o velho da história, entretanto de acordo com o IBGE (2002), em 64,2% das casas com pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, é o idoso quem assume o papel de provedor, se por um lado o idoso não consegue se subjetivar ou fazer valer seus direitos, por outro segue sendo o responsável pela maior renda da casa, não por uma escolha, ou por representar a lei, mas por uma necessidade, isso nos leva a um paradoxo, que nos leva a refletir sobre a condição humana.

A contemporaneidade produz situações de ambivalência, Moreira e Nogueira (2008) comentam que se por um lado, experimentamos o êxito dos esforços da ciência para aumentar a expectativa de vida, por outro lado, a sociedade não está preparada para acolher e definir o lugar e o papel dos que envelhecem. É como se a velhice fosse prolongada, mas não se quisesse saber dela.

Souza; Skubs e Bretas (2007) inferem que por mais que o ato de envelhecer seja individual, o ser humano vive na esfera coletiva e como tal, sofre as influências da sociedade, nesse sentido comentam que a vida não é só biológica, ela é social e culturalmente construída.

Por anos a mulher esteve em casa, cuidando dos filhos e dos mais velhos, sendo sustentada pelo “chefe de família” que provia o alimento e representava a lei. Correia (2009), é enfático ao dizer que esse cenário mudou, devido a transformação operada na forma de vida das sociedades industriais, a emergência de valores individualistas e o trabalho da mulher fora do lar, entre outros, fazem com que seja cada vez maior o número de idosos que não envelhecem no seio da família.

Kehl (2013), psicanalista contemporânea, escreve sobre a dinâmica dos papéis familiares associando-a com tentáculos; estes remetem aos polvos; para ela, famílias tentaculares abraçam diversos membros antes inexistentes – frutos de novos casamentos, filhos destes novos pais, filhos de adolescentes que engravidaram e não têm onde morar. Kehl (2013) comenta também que as funções se dissolvem e as posições se confundem. O poder do pai antes temido se dilui, com isso o idoso perde espaço.

SEM MEMÓRIA: UM CALEIDOSCÓPIO DE LUZES E SOMBRAS

“Os não-lugares têm a beleza do que poderá vir a ser. Do que ainda não é. Do que, um dia talvez, terá lugar” (AUGÉ, 2003, p.135).

Costa e Mercadante (2012) sugerem que o próprio idoso aceita sua condição de velho e, quando debilitado, dá-se conta de que não pode ficar entre os familiares, porque pode “atrapalhar”. Ceccarelli (2007) pontua que a humanidade está sempre em crise de referências simbólicas, tendo, constantemente, que produzir “reorganizações coletivas” para responder à nova leitura do mundo. A família ocidental também sofreu diversas mudanças em decorrência da Revolução Feminina, da Igreja e do Estado. Essas contribuições e conturbações fizeram com que novos arranjos familiares surgissem e que assim contribuíssem para o declínio do referencial paterno.

Prado (2013), inferindo que em dois séculos a imagem do pai sofreu alterações consideráveis. Se no século XVII o pai era considerado semelhante à figura de Deus e o representante da figura do rei dentro de seu ambiente familiar, no século XVIII, já se apontavam falhas existentes nestes atributos reais. Entretanto, foi necessário esperar até o século XIX para notar que o pai de família poderia ser falível, ignorante e malvado.

As transformações conjuntareis na sociedade acarretarem em um idoso que fica marcado por “não lugares” por não ocupar lugares definidos, sejam eles sociais, físicos, econômico.

Bauman (2001) argumenta que hoje o cuidado com a saúde se transformou em uma guerra permanente contra a doença e que a ideia de doença, antes circunscrita a certas situações, tornou-se confusa e nebulosa. O autor também destaca o fato de que ter saúde está fortemente relacionado com “seguir normas”. Um dos sentidos atribuídos por ele à saúde, dentro dessa sociedade de consumo, é o de um bem a ser adquirido, um padrão a ser alcançado, chamando a atenção para o conceito de aptidão, o qual, na sua visão, possui uma relação com os hábitos e as normas de saúde. Assim na sociedade atual todos passam a ter seu valor a partir do que produzem e pelos bens que possuem, vive-se hoje em uma sociedade regida pela aparência e consumismo, onde o individualismo e o egocentrismo perpetuam-se ascendentemente (SANTOS; DAMICO, 2009).

O idoso por uma questão biológica não irá produzir na quantidade e qualidade esperada pela sociedade. Tem-se a ideia de que ele não produz e não age na velocidade que deveria, pelo fato de que em qualquer momento, pode tornar-se descartável. Dessa forma, o desenvolvimento do capitalismo industrial vem abalar profundamente a principal função social do velho: a de transmissor da memória. É por esse e outros motivos que Bosi (1994, p. 77) afirma que:

A sociedade industrial é maléfica para a velhice. A função social do velho é lembrar e aconselhar, unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. [...] a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrava.

Perufo (2014) acrescenta que quando não se valoriza essa função social, há um “esvaziamento” e uma “desvalorização” dessa nova etapa da vida. Portanto, a relação estreita entre memória e trabalho, feita pela análise das vidas de seus personagens, e a constatação de que a função social da velhice nem sempre reconhecida, não deveria ser perdida e que o idoso a cada momento se propõe adaptar-se ao mundo em sua constante mutação.

Os assuntos dificilmente são direcionados para os velhos, cria-se a impressão de que o velho deve ficar à margem de tudo que acontece, causando assim um distanciamento emocional e não somente físico. Por mais que o idoso lute por mais espaço, ou tente se reinserir em atividades produtivas, a sociedade sufoca essas chances, insinuando assim que o velho não possui espaço e valor. Rodrigues (2003) corrobora comentando que o silêncio que a sociedade impõe ao idoso, o monopólio da fala por parte dos mais jovens, a destituição do sentimento de pertença dificulta ao idoso a ressignificação dos seus valores e o reordenamento de correlações temporais.

Por vezes, esquece-se que o idoso não é só um provedor da família, ou um trabalhador, compreende-se que culturalmente a sociedade constrói uma imagem através do trabalho, entretanto, tem-se ali um sujeito desejanste, e este deseja usufruir das construções que fizera ao longo da vida, este idoso carrega consigo, uma gama de transformações de mente e corpo e vê dificuldades para enfrentar as mudanças significativas que se operam.

A EXPROPRIAÇÃO DA VELHICE

A sociedade contemporânea está marcada pelo culto a imagem, onde o corpo é sobrevalorizado, assumindo assim um caráter de mercadoria. O envelhecimento é composto por perdas e ganhos, no entanto enfatiza-se somente as perdas ou modificações corporais. Põe-se de lado o sujeito e observa-se somente o que está refletido em seu corpo, como: rugas ou cabelos brancos, é como se quiséssemos prolongar a vida, mas como se não estivéssemos prontos para as transformações físicas que surgem na velhice, vive-se então uma onda de antienvelhecimento, onde nele, se recorre as técnicas que evitem o progresso da decadência física (SANTOS; DAMICO, 2009).

Neste processo inerente ao ser humano, o de envelhecer, Foucault (1999) caracteriza a biolítica, englobando o narcisismo contemporâneo e midiático, onde promove-se a saúde da população, baseada no controle social e disciplinamento dos corpos, seguindo um modelo biomédico. Foucault (1999) enfatiza que os processos de controle e disciplinamento inicialmente incidiram sobre os corpos individuais e depois sobre os corpos enquanto sociedade, buscando assim uma generalização de padrões, principalmente quando se demanda por corpos jovens e belos. Pitanga (2006) corrobora comentando que exercem um poder produtivo, referindo-se a um tipo específico de poder: um poder exercido sobre a vida, não para retirá-la, mas sim para geri-la e potencializá-la.

Da Poian (2001) enfatiza que “a cultura somática finalizou o assédio ao fazer do corpo espelho da alma”. Focando em uma sociedade consumista, narcísica e que se propõe a olhar para o jovem e novo, impõe-se uma ideia de que o velho deve buscar um corpo jovem e agradável de se ver, assim, aumenta-se o número de academias, cirurgias plásticas, cosméticos, dietas, reforça os cuidados com o corpo e a valorização da aparência física, culminando com o culto ao corpo na cultura (MATOS, 2014). Os corpos envelhecidos não podem ser vistos, de acordo com Pitanga (2006), há uma obsessão pelo corpo jovem e uma tentativa de corrigir a marca da passagem do tempo inscrita no corpo envelhecido. Messina (2003, p. 5) acrescenta:

Corpo por onde circulam nossos conflitos pulsionais, onde nossas representações recalçadas são traduzidas, por onde expressamos nossas emoções, nossos apetites e nossas trocas como mundo. Corpo que ao mesmo tempo é objeto de nossa estima, mas que também é objeto e fonte de uma insatisfação permanente. Como pensar o corpo erogênico dos velhos no regime das identificações corporais, com seus modelos de corpos esvaziados, peles, bundas e seios caídos e suas próteses corretivas, nestes tempos em que os valores simbólicos estão empobrecidos, onde vigora cada vez mais um apelo à cultura do corpo, idolatria que nos é vendida o tempo todo.

O narcisismo contemporâneo apresenta-se como uma forma de defesa necessária, instituída como proteção contra a falta de fronteiras entre o mundo interno e o mundo externo circundante, sendo uma estratégia capaz de garantir a sobrevivência psíquica do eu (PITANGA, 2006) Deparar-se com o envelhecer no último ciclo da vida, é confrontar-se com a proximidade do fim da vida, está por sua vez, segue sendo fonte de angústia e inquietação existencial, talvez a crescente valorização do idoso na cultura de consumo esteja no fato de que ele se tornou um grupo que se dedica plenamente ao presente (MATOS, 2014).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica, cujo objetivo é fazer um histórico sobre a temática, atualizar o tema escolhido e encontrar respostas aos problemas formulados, levantar contradições sobre o tema e evitar

repetição de trabalhos (AMARAL, 2007). Do ponto de vista dos autores, esse tipo de pesquisa é de grande eficácia no processo de formação do acadêmico, pois permite que o mesmo passe a assumir uma postura científica, bem como poderá desenvolver a sistematização do conhecimento que foi adquirido (BARROS; LEHFELD, 2007; GÜNTHER, 2006).

Trata-se de uma revisão da literatura não sistematizada que utilizou base de dados tais como dos artigos divulgados na Literatura Latino-Americano em Ciências de Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, assim como foram consultadas e ainda em monografias, livros textos e manuais do Ministério da Saúde. Os descritores utilizados foram: idoso, envelhecer e contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar o quão preocupante é a não aceitação dos efeitos inexoráveis do tempo com quem envelhece, a não valorização do idoso, causa efeitos catastróficos ao relegá-lo a experimentar um mundo vivido marcado pelo desamparo, a angústia e a solidão. A denegação social que marginaliza o idoso solapa a realidade, se por um lado a longevidade é marcada pelo opróbrio, por outro, se usufrui perversamente daquele que segue sendo o maior provedor de renda nos domicílios, não por escolha própria, ou pela autoridade exercida, mas pautado pela necessidade. Assim a lógica capitalista opera, se o idoso consome ele existe, logo, mas, se deseja participar da tomada de decisões é foracluído. É necessário expiar a dor da impostura, criando uma imagem arcana, que carrega estereótipos, crenças, como alguém que não gosta de tecnologias, barulhos, e prefere a solidão. Eis então a sociedade do espetáculo, que tenta desesperadamente, por meio de jogos de verdades, uma e outra vez, dar nomes distintos, a última palavra da vida.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**: Fortaleza, 2007.
- AUGÉ, M. **Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade**. 1ª edição francesa. Lisboa, 2005.
- AUGÉ, M. **Para que vivemos?** 1ª edição francesa. Lisboa, 2003.
- BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BELATO, D. **História medieval**. Ijuí. Ed. Unijui, 2009.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAMARANO, A. A. (Org.). **Os Novos Idosos Brasileiros: muito além dos 60**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.
- CECCARELLI, P. R. **Novas configurações familiares**: mitos e verdades. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 40, n. 72, p. 89-102, jun. 2007. Disponível em: <<http://ceccarelli.psc.br/pt/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/confmitver.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2016.
- CORREIA, C. M. G. G. da S. **O apoio social e a qualidade de vida dos idosos do concelho de Faro**. Faro. UA. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade do Algarve. Faculdade de ciências humanas e sociais. 2009. Disponível em: <<http://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/564/1/Carla%20-%20DISSERTA%C3%87%C3%83O.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

- COSTA, M. C. N. S.; MERCADANTE, E. F. O Idoso residente em ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) e o que isso representa para o sujeito idoso. **Revista Kairós Gerontologia**. v. 16, n. 2, p. 209-222. 2012.
- DA POIAN, C. **Formas do Vazio**: desafios ao sujeito contemporâneo. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2001.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola 1999.
- GÜNTHER, Ht. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa**: esta é a questão. *Rev. Psicologia: teoria e pesquisa*. v. 22, n. 2, p. 201-210, Mai-Agost. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2>>. Acesso em: 28 out. 2016.
- IBGE. **Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios**. 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>>. Acesso em: 25 out. 2016.
- KEHL, M. R. **Maria Rita Kehl**: em defesa da família tentacular. 2013. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/artigos/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular>>. Acesso em: 28 out. 2016.
- KUZNIER, T. P. **O significado do envelhecimento e do cuidado para o idoso hospitalizado e as possibilidades do cuidado de si**. Curitiba, 2007.
- LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**. Lisboa: Relógio D'água, 1983. MATOS, C. L. A. **A Juvenilização do Idoso na Cultura de Consumo**: construção de identidades e cultos ao corpo. UFPB, 2014. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/1933/657>>. Acesso em: 03 nov. 2016.
- MESSINA, M. **Dimensões do envelhecer na contemporaneidade**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5b_Messina_26250803_port.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.
- MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. **Do indesejável ao inevitável**: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. São Paulo, março de 2008. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo>>. Acesso em: 30 out. 2016.
- OLIVEIRA, R. de C. **Pedagogia Social**: possibilidade de empoeiramento para o idoso. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 3., 2010, São Paulo. Proceedings online. Associação Brasileira de Educadores Sociais (ABES). Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092010000100022&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 03 nov. 2016.
- PERUFO, K. F. **Dimensões do envelhecimento e sociabilidades na contemporaneidade**: um estudo em Santa Maria/RS. São Leopoldo. UNISINOS, 2014. Tese (Doutor em Ciências Sociais). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2014. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3315?show=full>>. Acesso em: 09 out. 2016.
- PITANGA, D. de A. **Velhice na Cultura Contemporânea**. UNICAP, 2006. Dissertação (Mestre em Psicologia clínica). Universidade Católica de Pernambuco, 2006. Disponível em: <http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2007-04-23T124159Z-80/Publico/Danielle%20Pitanga.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2016.
- PRADO, J. de C. **Paternidade**: um estudo psicanalítico sobre pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro. Assis. UEP. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista. 2013. Disponível em: <<http://positorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110682/000779738.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 01 out. 2016.
- RODRIGUES, H. C. L. **A velhice sob o olhar de idosos retoricistas**. Recife. UFP, 2003. Dissertação (Mestre em Serviço Social). Universidade Federal de Pernambuco, 2003. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/9994/arquivo9312_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 out. 2016.

SANTOS, F. A. da C.; DAMICO, J. G. S. **O mal-estar na velhice como construção social**. Revista Pensar a Prática. v. 12, n. 1. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/4439/4519>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

SOUZA, R. F. de; SKUBS, T.; BRETAS, A. C. P. Envelhecimento e família: uma nova perspectiva para o cuidado de enfermagem. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 60, n. 3, p. 263-267, June. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S003471672007000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2016.